

Breve Tratado das Virtudes Desportivas

Título Breve Tratado das Virtudes Desportivas

Autores José Tolentino de Mendonça, Gonçalo M. Tavares, Inês Espada Vieira, João Tiago Lima, Nuno Delgado, Michel Pinaud, Ana Santos, Duarte Araújo, Jorge Araújo, Rui Proença Garcia, Luísa Ávila da Costa, Carlos Fiolhais, António Bagão Félix, Eduardo Marçal Grilo, Maria do Céu Patrão Neves, António de Castro Caeiro, Joana Araújo, Jorge Silvério, Raquel Vaz-Pinto, Manuel Sérgio

Coordenação Alexandre Palma, João Eleutério

Coleção Cátedra Manuel Sérgio – Desporto, Ética e Transcendência

Coordenação científica Alfredo Teixeira, João Eleutério

Coordenação

© Universidade Católica Editora

Alexandre Palma

Revisão editorial Ana Cunha

Capa Ana Luísa Bolsa | 4 ELEMENTOS

Imagem da capa Arquivo do Comité Olímpico Português (PT/COP/FOT/N/0002/00001-N_00270), Jogos Olímpicos de Helsínquia, 1952

Paginação Magda Macieira Coelho

Impressão e acabamento Sersilto – Empresa Gráfica, Lda.

Depósito legal 492726/21

Tiragem 500 exemplares

Data dezembro 2021

ISBN 9789725408087

ISBN e-Book 9789725408094

DOI <https://doi.org/10.34632/9789725408087>

Universidade Católica Editora

Palma de Cima 1649-023 Lisboa

Tel. (351) 217 214 020

uceditora@ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt



BREVE TRATADO DAS VIRTUDES DESPORTIVAS
Breve tratado das virtudes desportivas / Gonçalo M. Tavares... [et al.] ; coord. [de] Alexandre Palma, João Eleutério ; prelúdio José Tolentino de Mendonça ; poslúdio Manuel Sérgio. – Lisboa : Universidade Católica Editora, 2021. – 212 p. ; 23 cm. – (Cátedra Manuel Sérgio. Desporto, ética e transcendência). – ISBN 9789725408087. ISBN 9789725408094 (e-book)
I – TAVARES, Gonçalo M., coord. II – PALMA, Alexandre, coord. III – ELEUTÉRIO, João, coord. IV – MENDONÇA, José Tolentino, pref. V – SÉRGIO, Manuel, posf.
CDU 796:17

796:241.5

UNIVERSIDADE CATOLICA EDITORA

Índice

Prelúdio José Tolentino de Mendonça	7
Introdução Alexandre Palma João Eleutério	9
Virtudes – uma citação, dois fragmentos, três pequenas histórias Gonçalo M. Tavares	17
Um rumor de paz Inês Espada Vieira	23
Amizade João Tiago Lima	28
Autocontrolo Nuno Delgado	36
Boa-fé Michel Renaud	50
Coragem Ana Santos	63
Fair-play Duarte Araújo	77
Fidelidade Jorge Araújo	95
Gratidão Rui Proença Garcia, Luísa Ávila da Costa	101

Amizade

João Tiago Lima

Departamento de Filosofia da Universidade de Évora

I

O tema da amizade tem raízes fundas na tradição literária e filosófica ocidental. Platão, por exemplo, dedicou ao assunto o diálogo *Lísis*, onde fica bem patente a dificuldade em definir o que possa ser, verdadeiramente, a amizade. De facto, é bastante significativo que o livro termine com esta confissão de Sócrates: «Acabamos, Lisis e Menéxeno, de nos tornar ridículos: tanto eu, que já sou um homem de idade, como vós. Pelo caminho, esses [os pedagogos que então se aproximaram dos protagonistas do diálogo] irão dizer que nós, que nos julgávamos amigos uns dos outros, e eu me ponho a vosso lado, não fomos capazes de descobrir o que é ser amigo» (Platão 1990, 223b). O que não significa o mesmo que dizer que, do *Lísis*, não se possam recolher preciosos ensinamentos acerca da amizade.

Aristóteles, por seu turno, nos livros VIII e IX de *Ética a Nicómaco*, discorre também sobre o assunto, distinguindo nomeadamente três formas de amizade: a que tem a base na utilidade, a que tem a base no prazer e a que tem a base na excelência. Vejamos como o Estagirita se refere a cada uma delas: «Os que têm a amizade com base na utilidade gostam um dos outros pelo bem que os outros lhes fazem; os que têm uma amizade com base no prazer, gostam uns dos outros pelo próprio prazer que lhes dá. Nestes casos há amizade não pelo facto de outrem ser em si suscetível de amizade e de amor, mas porque é útil e agradável. Estas formas de amizade são, portanto, meramente accidentais. Porque não se gosta do outro apenas por aquilo que ele é, mas por ser vantajoso ou ser agradável» (Aristóteles 2004, 183). Sendo meramente accidentais, estas formas de amizade demarcam-se daquilo a que Aristóteles chama *amizade perfeita*. Aquelas são relações de «amizade» em que o amigo,

de alguma forma, se torna instrumental para um outro objetivo. Já tal não sucede com a amizade que tem a base na excelência. Neste caso, a amizade como que vale por si mesma. É a amizade que se observa na relação que homens de bem têm entre si. «Estes querem-se bem uns aos outros, de um mesmo modo. E por serem homens de bem são amigos dos outros pelo que os outros são. Estes são assim amigos de uma forma suprema. Na verdade, querem para os seus amigos o bem que querem para si próprios» (Aristóteles 2004, 184).

Creio que esta distinção aristotélica continua a ser especialmente operativa. E isto porque os critérios da utilidade e da agradabilidade como base da amizade parecem bastante atrativos na infância ou na adolescência. Os jovens começam por fazer amigos porque a presença destes é agradável ou útil. Apenas mais tarde, e para os casos daqueles que se tornam homens de bem, se constroem amizades baseadas na excelência. Como sublinha Aristóteles (2004, 184), «tais amizades são, de facto, raras porque poucos são os homens desta estirpe» (*ibidem*).

Montaigne, no ensaio que dedica à amizade, retoma esta distinção de Aristóteles, escrevendo que «é a amizade o cume da perfeição da sociedade. Pois, em geral, todas as que o prazer ou o proveito, a necessidade pública ou privada, forjam e alimentam, são tanto menos belas e nobres, e tanto menos amizades, porque misturam outras causas, finalidades e interesses com a própria amizade (Montaigne 2016, 100). Há como que a necessidade de destacar a pureza da amizade, quer em Aristóteles, quer em Montaigne, preservando-a de outras causas ou finalidades.

Muitos outros filósofos dedicaram à amizade uma atenção importante. No entanto, pretendo seguir outro caminho, recorrendo para tanto ao contributo de um poeta e de um ensaísta. Falando sobre o significado da escrita numa entrevista ao jornal *Público*, Manuel Gusmão (2001) declarou um dia o seguinte: «Se se perceber que a palavra amizade não tem a ver com o clã, com os amigalhaços, diria que nós escrevemos como quem tenta produzir uma amizade. Uma amizade com amigos que já conhecemos, sejam próximos ou longínquos, com amigos que não conhecemos e talvez venhamos a conhecer, e com um amigo que virá e que nunca conheceremos. É um outro, que não conseguimos vislumbrar, mas ao encontro de quem vamos.» Comentando esta reflexão de Manuel Gusmão, Eduardo Prado Coelho (2004, 110) afirma, por seu turno, que «nas nossas relações de amizade, é importante distinguirmos

aqueles em que a relação de conhecimento está estabilizada e institucionalizada [...] e aqueles que nos precipitam numa vertigem de ir mais longe e que às vezes acabamos precisamente de conhecer [...]. Mas a questão só ganha intensidade se a gente for capaz de imaginar uma dimensão infinita do conhecimento: esse amigo que virá um dia (ou já veio e ainda o não vi?) e que, por mais que eu o conheça, ficará sempre além das minhas capacidades de o conhecer».

As aproximações de Manuel Gusmão e de Eduardo Prado Coelho ao tema talvez me possam ajudar no caminho que quero trilhar. Ao associar escrita e amizade, Gusmão traça, parece-me, um vínculo entre a promessa que está implícita em cada decisão humana e o desejo de *produzir* uma amizade, dado que, como diz a canção de Sérgio Godinho, *coisa mais preciosa no mundo não há*. Simplesmente, enquanto gesto intransitivo que também é, a escrita não fornece a quem a faz nenhuma garantia. Escrever visa chegar, por isso, não apenas aos amigos já feitos, como sobretudo àqueles que estão por chegar. Trata-se do outro que, apesar de ainda não conseguirmos vislumbrar, marca o destino em direção do qual seguimos. Eduardo Prado Coelho sublinha, no seu comentário à afirmação de Gusmão, a ideia de que há na amizade de uma dimensão de desconhecimento que parece ser inultrapassável. Claro que, sem conhecimento, não há amizade. No entanto, as relações de amizade reservam sempre um lugar para a surpresa, para a revelação daquilo que, até certo momento, permanece desconhecido – daí a possibilidade de o amigo estar mesmo ao nosso lado e nós não o conseguirmos ver.

II

Uma das razões pelas quais se diz ser importante as pessoas e sobretudo os jovens praticarem desporto é porque este se trata de uma forma de construir fortes relações de amizade. Este ponto, que, ainda assim, não é referido tantas vezes quanto merece, afigura-se-me essencial quando procuramos sublinhar a dimensão educativa do desporto. Quem são os amigos que se fazem na competição? Desde logo, os companheiros de equipa com os quais se entretencem laços de companheirismo e cumplicidade que resistem ao passar do tempo. As alegrias e as deceções, as vitórias e as derrotas, são vividas em conjunto e os reencontros de antigos companheiros de equipa

são, tantas vezes, ocasiões de recordar esses momentos cheios de intensidade e de significado.

Ora, enquanto atividade que visa essencialmente a autossuperação, o desporto busca a excelência. Não apenas no sentido da máxima olímpica *citius, altius e fortis*, mas também numa aceção integral do ser humano. Daí que o desporto valorize aqueles que, em virtude do seu esforço e do seu talento, se destacam dos demais. Os campeões são, assim, pessoas raras. É isso não por via de fatores extrínsecos à vontade e à dedicação dos atletas. Pelo contrário. Exigentes para si mesmos, os desportistas não podem deixar de ser exigentes também para os seus amigos que, em rigor, são aqueles que sempre aparecem, quer na altura das vitórias (momentos agradáveis e, por assim dizer, úteis), quer no momento das derrotas. Aprendendo a lidar com estas duas faces da moeda, o desportista sabe avaliar quem são verdadeiramente os homens de bem, os únicos com os quais se consegue estabelecer uma amizade duradoura. Há como que uma cumplicidade forjada na experiência dos limites que a competição desportiva implica que faz com que colegas de equipa construam relações de amizade que ultrapassem a fugacidade do tempo. Como afirmou o antigo jogador internacional francês Jean-Pierre Rives a propósito da sua modalidade, «o rugby é a história de um grupo de amigos à volta de uma bola e, quando não há a bola, ficam os amigos». Desporto coletivo de combate, o rugby forja amizades sólidas e resistentes ao tempo. Entre companheiros de equipa, sem dúvida. Mas também entre adversários diretos, protagonistas de duras batalhas, onde o respeito pelas regras ajuda a sedimentar o respeito mútuo. Um dos elementos mais importantes do *rugby* consiste na tradicional *terceira parte*, momento de convívio, realizado logo após o jogo, entre os elementos de ambas as equipas que serve para lembrar que a competição desportiva é apenas um pretexto para que os amigos se reúnam em torno de uma bola.

Acabo de sublinhar que também é possível – e até desejável – fazer amigos entre os adversários contra os quais se compete. Protagonistas de uma das mais célebres rivalidades da história do desporto mundial, os tenistas Roger Federer e Rafael Nadal nem por isso deixam de cultivar uma franca amizade que, entre outras coisas, é uma forma de reconhecimento mútuo de como a presença do outro contribuiu para o progresso das capacidades desportivas e até pessoais de cada um deles. Daí que o suíço confesse: «Rafa ajudou-me a atingir mais objetivos, a querer ir mais além. Sem ele nas redondezas, não teria

ficado tantos anos como um dos melhores jogadores do circuito. Mas porque ele estava aí, e porque gostei desta rivalidade, isso permitiu-me manter em estado de alerta. A sua maneira de jogar e a minha correspondem perfeitamente. Ele será sempre o melhor rival da minha carreira. Ele fez de mim um melhor jogador, mesmo se eu era já número 1. Ele é aquele que teve a maior influência sobre a minha carreira. Forçou-me a reinventar o meu jogo e a maneira de me treinar» (Sotto 2018, 110-111).

Sendo o ténis essencialmente um desporto individual, com as vantagens e os inconvenientes que disso resultam, julgo que este caso de amizade entre rivais é exemplar. Por um lado, há, durante os jogos (que entre os dois tenistas referidos são quase sempre muito equilibrados e de desfecho imprevisível), o desejo de fazer ao adversário justamente aquilo que este procura evitar. Num certo sentido, trata-se de procurar causar dano ao opositor, sendo que os limites dessa ação danosa (fazer correr o outro até aos limites da fadiga, obrigar o outro a desferir os golpes em que se sente menos à vontade, causar a surpresa através de uma decisão tática imprevisível, etc.) são definidos pelas regras do jogo. Por outro lado, existe a relação de amizade entre os jogadores que relativiza a euforia da vitória, mas também a amargura da derrota. E, como Federer salienta, há um gosto pela própria rivalidade, dado que existe a percepção de que, da luta entre ambos, decorre um crescimento de cada um dos contendores. Claro que, neste caso, a amizade veio depois da competição visto que os dois tenistas se conheceram, antes de mais, como adversários. Foi, portanto, a competição que proporcionou o conhecimento que, posteriormente, veio dar origem à amizade. O que é de relevar na amizade de Roger Federer e de Rafael Nadal é que ela se construiu e mantém à margem da incomensurável pressão (mediática, económica, política até) que acossa os dois jogadores, os quais são preparados quotidianamente e ao longo de muitos anos para serem os melhores do mundo e, para o serem, é forçoso que o seu «amigo» seja derrotado nos principais torneios do circuito. Ou seja, o sucesso de um deles implica quase sempre o falhanço do outro. Ora, a verdade é que a repartição de títulos entre eles tem sido bastante equitativa (não esquecendo um terceiro elemento desta rivalidade, o sérvio Novak Djokovic) e talvez isso ajude, pelo menos em parte, a explicar a manutenção desta amizade. Por outro lado, o estilo de jogo de Nadal e Federer é bastante distinto entre si. Existe como que uma complementaridade de opostos que se atraem. Mas não há dúvida que, se não fosse a sólida formação moral de ambos, bem

como o extraordinário amor à modalidade que os dois manifestam, tal amizade dificilmente resistiria aos imponderáveis e às adversidades que o desporto de alto rendimento acarreta.

III

Sívio Lima, um importante autor no âmbito da filosofia do desporto, declarou que, sempre que se entende o desporto com *fair-play*, o adversário deixa de ser visto como inimigo e passa a ser considerado como *colaborador antagónico*. Penso que esta definição pode ser extremamente produtiva no quadro da reflexão que aqui procuro esboçar sobre as relações entre amizade e desporto. O desporto é – ou, pelo menos, deve ser – um instrumento decisivo na construção de relações de amizade entre atletas e até entre países. Claro que, infelizmente, há ocasiões em que o desporto serve de apoio a outros interesses que nada têm de saudável. Como lembra Sívio Lima (2002, 1030), «sem dúvida, o desporto degenera, por vezes, em arma ofensiva nas mãos de pessoas incultas». No entanto, tal é uma deturpação do desporto, pois, tornando na sua aceção verdadeira, este «permite a *sublimação* do instinto combativo inato no homem» (2002, 1030). Nesse sentido, o desporto é, por natureza, *pacifista* e constitui uma extraordinária negação da guerra.

No desporto, o adversário torna-se imprescindível para a realização da atividade desportiva. É ele quem *obriga* cada atleta a superar-se a si mesmo, ou seja, a atingir metas que nem ele próprio, à partida, ousaria pensar ser capaz de alcançar. Sendo assim, como não ficar grato ao adversário? Dir-se-á que esta é uma visão demasiadamente utópica do desporto, já que quase todos os dias observamos desmentidos práticos deste ideal. Admito que, em parte, este ponto de vista mereça ser defendido, mas isso só prova como o desporto é uma atividade que, sendo acessível a todos, só pode ser praticada com excelência por alguns. Sublinho neste termo excelência o seu sentido aristotélico, no qual o filósofo grego fundava a verdadeira amizade. Por isso, são tão admiráveis no desporto os feitos dos vencedores, como os exemplos de *fair-play* que consubstanciam gestos de pura amizade pelo adversário. Quando um atleta prejudica voluntariamente os seus interesses competitivos, em nome do espírito desportivo, está a lançar os alicerces para uma sólida amizade com o seu adversário. Ao fazê-lo, confere sentido a um dos valores

mais importantes do desporto: a amizade. E fá-lo num contexto em que, à primeira vista, tudo apontaria noutra direção. Ao entrar num campo para uma competição desportiva o objetivo do atleta é alcançar a vitória. É para isso que o desportista se prepara ao longo de extensos e duros períodos de treino. Ora, saber que nem tudo vale para se conseguir a vitória também resulta de uma aturada aprendizagem. Lidar com a adversidade e com o insucesso constitui uma dura experiência para a qual todas as pessoas devem estar preparadas e o desporto é, sem dúvida, uma ótima escola nesse capítulo.

Bibliografia

- Aristóteles. 2004. *Ética a Nicómaco*. Tradução do grego por António C. Caeiro. Lisboa: Quetzal Editores.
- Coelho, Eduardo P. 2004. *Crónicas no Fio do Horizonte*. Porto: Edições Asa.
- Gusmão, Manuel. Entrevista por Alexandra L. Coelho. 2001. «Escrevo para um amigo que virá», *Público*, 4 de agosto, disponível em <https://www.publico.pt/2001/08/04/jornal/manuel-gusmao-escrevo-para-um-amigo-que-vira-160492>
- Lima, Sívio. 2002. *Obras Completas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Montaigne. 2016. *Ensaio: Antologia*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Platão. 1990. *Lísis*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Sotto, Thomas. 2018. *Une aventure nommée Federer*. Mônaco: Éditions du Rocher.



FOTOGRAFIA 6